

QUANTO VALE UM ECOSISTEMA?

21-06-97

[Economistas enfrentam o desafio de incorporar variáveis ambientais à contabilidade]

[Estudo de revista especializada avalia em US\$ 33 trilhões anuais os benefícios trazidos por bens naturais ao homem]

Os economistas vêem a sociedade como um aparelho. Uma boa alavancada aqui provoca resultados previsíveis acolá. Bom testemunho dessa visão mecânica do sistema econômico é um artefato construído por Bill Phillips, um engenheiro que se tornou professor de economia. Tem alavancas e botões para serem acionados. Tem comportas que se abrem e líquidos de cores diferentes circulam pelos tubos do sistema de forma controlada. Essa máquina está conservada em um dos principais templos da ciência econômica, a *London School of Economics*. “É a própria encarnação da visão de mundo dos economistas,” diz Paul Ormerod depois de longa experiência à frente do departamento de projeções da revista *The Economist*.

Mas é crescente o número de pesquisadores que consideram o comportamento social complexo demais para que possa ser abordado mecanicamente. Às vezes, um estímulo aqui às provoca mesmo resultados previsíveis acolá. Outras vezes provoca resultados imprevisíveis ou mesmo nenhum resultado. O comportamento do sistema pode ser bem diferente daquilo que é possível prever a partir da extrapolação do modelo de comportamento dos indivíduos. Principalmente porque o comportamento individual não acontece no vácuo. Ele impacta o comportamento de outros indivíduos, que por sua vez geram feedback em outra parte do sistema, e assim sucessivamente. Ou seja, a sociedade parece mais com um organismo vivo do que com a engenhoca de Bill Phillips.

O surgimento de uma nova visão da economia, como um sistema adaptativo complexo, foi incentivado pela exasperação dos desastres ambientais causados pelo vertiginoso desenvolvimento dos países de capitalismo adulto durante os anos 1950 e 1960. Só que essa nova visão está apenas engatinhando e ainda não consegue gerar recomendações práticas de política econômica. Por isso, o que acaba proliferando são experiências em sentido diametralmente oposto: tentativas de lubrificar a máquina de Bill Phillips para dar argumentos numéricos aos defensores da natureza.

Um ótimo exemplo está no estudo publicado pela revista *Nature* sobre os benefícios proporcionados aos seres humanos por dezesseis grandes ecossistemas terrestres. Diz que as funções desempenhadas por esses ecossistemas, que há milhões de anos vinham sendo usufruídas gratuitamente pela humanidade, na verdade valem quase duas vezes toda a riqueza produzida no mundo durante um ano, isto é, cerca de 33 trilhões de dólares anuais. Para um dos pesquisadores envolvidos, esse resultado “pode até não ser muito preciso, mas serve para dar uma dimensão da importância da natureza na atividade humana”. Segundo outro membro da equipe, “fica muito mais fácil para a população e para as autoridades compreender que, quando se usa a natureza, há um preço a pagar.”

Será que a atribuição de um preço fictício a um bem natural é a melhor maneira de ganhar a opinião pública para a preservação ambiental? Uma parte dos economistas ecológicos diz que sim. No fundo eles estão convictos de que a racionalidade econômica sempre dominará as outras racionalidades. Como o Pequeno Príncipe de Saint-Exupéry, eles acham que os adultos nunca valorizam uma casa porque ela tem tijolos rosados, com gerânios nas janelas e pombas no telhado. Só são capazes de admirar sua beleza quando ouvem que ela custa tantos milhões.

O problema é que os adultos também não acreditam em histórias da carochinha. Sabem que os preços são determinados simultaneamente pela utilidade e pelo custo de produção. Percebem intuitivamente o que coube a Alfred Marshall esclarecer em 1890: “Da mesma forma que não se pode afirmar se é a lâmina inferior ou superior de uma tesoura que corta uma folha de papel, também não se pode discutir se o valor e os preços são governados pela utilidade ou pelo custo de produção.”

Isto quer dizer que só podem ter valor econômico e, portanto, preço, bens que sejam produtivos e apropriáveis. E tais bens representam, por mais espantoso que possa parecer, uma ínfima parcela do universo formado por todos os objetos que compõem a biosfera. E a aceitação dessa microscópica redução foi indispensável para que se chegasse à visão de sistema econômico representado pelas contas sociais.

Ou seja, ao nos perguntarmos como será possível contabilizar monetariamente bens naturais que não têm preço, estamos nos perguntando se é possível estender a economia para um campo que não é o seu. A noção usual de sistema econômico consolidou-se justamente pelo crescente distanciamento da natureza. Por isso, toda tentativa de incorporar variáveis ambientais nas contabilidades esbarra em obstáculos conceituais e práticos que acabam tornando os resultados muito suspeitos. Tão suspeitos quanto esses 33 trilhões anuais atribuídos a dezesseis grandes ecossistemas terrestres.